

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A EMANCIPAÇÃO HUMANA A PARTIR DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL

Edinária Marinho da Costa - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Aluna especial do Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC da UERN.

Elane da Silva Barbosa - Graduada no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela UERN. Aluna do Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC da UERN. Bolsista da CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo – GECOM/UERN.

Emerson Augusto de Medeiros - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Aluno do Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC da UERN. Bolsista da CAPES.

RESUMO

O presente artigo objetiva perceber as contribuições da política educacional Escola Ativa à educação do campo, identificando suas implicações à prática do educador e à aprendizagem dos alunos. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, cuja estratégia para a coleta dos dados foi a realização de entrevista com três professores que lecionam no Ensino Fundamental, em escola da zona rural, no município de Assú- RN. Para a análise dos dados foi realizado diálogo entre as falas dos colaboradores e dos autores que nos orientam na construção deste estudo: Alarcão (2001), Caldart (2002), Delors (2000), Libâneo (2007), Sancristán e Gómez (2000), entre outros. Foi possível constatar que o programa Escola Ativa contribui para a aprendizagem dos alunos ao fortalecer e ampliar as relações que acontecem no espaço escolar, aproximando os discentes à sua cultura, desta forma, resgatando elementos que se entrelaçam ao seu contexto social. Enquanto considerações finais, acreditamos que para que haja o fortalecimento e constante aprimoramento do programa Escola Ativa é fundamental um engajamento de todos que fazem a comunidade escolar. Somente dessa forma, os atores do processo ensino-aprendizagem: os professores e os alunos conseguirão se emancipar enquanto sujeitos, tornando-se autores e protagonistas da própria história no cenário em que atuam: o campo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo. Escola Ativa. Professores.

INTRODUÇÃO

Ao fazer uma retrospectiva histórica acerca da educação do campo poderemos constatar que inúmeros movimentos e articulações em defesa de um projeto educativo adequado às características do meio rural vêm se desenvolvendo desde a década de 1930, no contexto da universalização da escola pública (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

No entanto não podemos deixar de reconhecer que as populações camponesas com as suas lutas e reivindicações conquistaram espaços e vitórias sobre o direito de ter uma educação de qualidade voltada às especificidades de seu povo. Conforme Caldart (2002), melhorar a educação ofertada às comunidades rurais é uma forma de tentar emancipá-las das injustiças que impedem seu desenvolvimento na sociedade capitalista em que vivemos.

Desenvolver um projeto que valorize as peculiaridades dos habitantes camponeses, destacando suas singularidades e necessidades é necessário, se pretendemos fazer de nossa

esfera terrestre um espaço de democracia, de inclusão e de cidadania. Nessa perspectiva, o programa educacional Escola Ativa¹, implantado em muitas escolas da zona rural do país, que tem como objetivo² principal aumentar o nível de aprendizagem dos alunos, diminuindo a repetência e a evasão e elevando as taxas de conclusão de parte do Ensino Fundamental, ou seja, de 1º ao 5º ano, nas escolas da zona rural de muitos municípios brasileiros, é uma das políticas educativas que vislumbra gradativamente construir uma educação qualitativa no campo.

Esse programa se fundamenta na concepção de que o educando deverá ser o centro no processo ensino-aprendizagem, valorizando ao máximo possível, aspectos de sua cultura e de sua comunidade local, onde a construção de saberes deve ser desenvolvida através da coletividade e do diálogo.

Para Sancristán e Gómez (2000, p.26):

É preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que se possam vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, a experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciativa e a criação.

O pensamento dos autores anteriormente citados aponta que melhorar paulatinamente a educação do país é um desafio e uma tarefa para os gestores no século XXI. Quando há menção sobre a necessidade de transformar a educação, deve-se englobar nesta ideia todas as etapas e modalidades educativas, não podendo ser deixada em segundo plano a educação destinada ao campo. Sendo assim, implantar e criar políticas e programas educativos com a finalidade de buscar melhores condições para a educação do campo devem ser amplamente discutidas e incentivadas.

É importante analisar se tais políticas ou programas consolidam ou cumprem com seus objetivos, se validam a cultura e a realidade local, se consideram as necessidades dos alunos e do professorado, se dão subsídios para que juntos: a escola, os professores, os alunos e a comunidade concretizem uma educação coletiva e construtiva. A respeito disso Libâneo (2007, p.84) destaca:

¹ O programa a princípio foi implantado apenas na zona rural dos Estados das Regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste. Somente após passar por um período de experimentação, como um projeto piloto, passou pela institucionalização com a ampliação do número de municípios participantes e chegou à expansão, visando atingir a todos os estados da federação, etapa em que estamos agora.

Há uma distância considerável entre as políticas educacionais [...], e o que acontece na realidade das escolas, isto é, no ensino, no trabalho cotidiano dos professores, na aprendizagem dos alunos. Esse distanciamento das questões mais concretas da sala de aula e do trabalho direto dos professores com os alunos é um forte indício da desatenção, do despreço, com os aspectos pedagógico-didáticos que em última instância, são os que efetivamente atuam na aprendizagem dos alunos e no trabalho dos professores.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva perceber as contribuições da política educacional Escola Ativa à educação campesina, identificando suas implicações à prática educativa do educador e à aprendizagem dos alunos.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, pois trabalha com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 1997). Preocupa-se, pois, em estabelecer questões de investigação que estudem os fenômenos em todas as suas dimensões e no contexto no qual estão inseridos (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

O cenário de estudo foi uma escola de ensino fundamental localizada na zona rural no município de Assú/RN. Enquanto colaboradores, contamos com a participação de três educadores que lecionam nessa instituição escolar. Como estratégia para a coleta de dados utilizamos a entrevista semi-estruturada, a qual pode ser compreendida como aquele diálogo estabelecido com o objetivo de saber a opinião, as compreensões, as concepções dos sujeitos em relação a uma determinada temática. Esse tipo de entrevista norteia-se num roteiro de questões previamente definido. Entretanto, à medida que as respostas vão sendo dadas pelo entrevistado, outras questões podem ser formadas (MINAYO, 1997). Elaboramos, assim, seis questões, as quais abordaram alguns aspectos teórico-práticos da ação educativa dos docentes: planejamento, avaliação, conteúdos, atividades desenvolvidas, relação entre alunos, professores, escolas e comunidade local.

Os dados coletados foram analisados à luz do referencial teórico que nos alicerça na construção desta pesquisa: Alarcão (2008); Arroyo, Caldart e Molina (2004); Delors (2001); Fazenda (2008); Hoffman (2003); Imbernón (2010), entre outros.

RESULTADOS

A educação, como elemento essencial que auxilia e contribui para a emancipação do ser humano para sua atuação crítica em sociedade, vem adquirindo nesta época um novo e importante papel a desempenhar: o de ajudar ao homem a construir uma visão interdisciplinar do todo e de si mesmo.

Há uma clara percepção, por parte de lideranças políticas brasileiras, de representantes dos mais diversos segmentos que compõem a nossa sociedade, de comunidades e família, de que a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento das comunidades e a transformação do Brasil em uma nação desenvolvida, com uma população proativa, saudável, competente, cidadã e realizada, somente se dará caso consigamos promover, [...] um salto de qualidade em nossa educação. (LÜCK, 2010 p.21)

Sabemos, entretanto, que existem inúmeros obstáculos a enfrentar, desde aqueles que se vinculam aos fatores internos como: relações entre professor e aluno na sala de aula, estratégias pedagógicas utilizadas, gestão da escola, etc., e aspectos que se encontram no âmbito extra-escola. É o caso dos sistemas de ensino.

Em face disto, o Governo Federal nos últimos anos tem destinado e criado políticas educacionais com o intuito de melhorar a educação do país, verticalizando empreendimentos aos lugares e populações (algumas vezes), que necessitam urgentemente de maiores atenções, dentre esses é plausível destacar os campesinos.

A educação no campo, segundo Arroyo, Caldart e Molina (2004), passou por inúmeros processos, sendo atualmente objeto de estudo e preocupação por parte de muitos pesquisadores. Essa preocupação emerge devido à

Atual fase de desenvolvimento do capitalismo, que traz maior concentração de terras nas mãos de poucos, a ampliação da produção monocultora extensiva para o mercado externo, uso de maquinário com ampla tecnologia acoplada, proletarianização do trabalho no campo, e o aumento intensivo da tecnologia industrial e financeira. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004 p.37).

A abordagem desses autores explicita que não se pode continuar efetivando uma educação tradicional, dissociada da realidade. Por isso são importantes as transformações no cenário social, no qual nos encontramos.

Cabe à educação fornecer às crianças e aos adultos as bases culturais que lhe permitam decifrar, na medida do possível, as mudanças em curso. O que supõe a capacidade de operar uma triagem na massa de informações, a fim de melhor interpretá-las (DELORS, 2001 p.68).

Diante desse contexto, não é coerente o pensamento de que a população rural prossiga com as mesmas condições educativas ofertadas a duas ou três décadas, pois é perceptível a evolução do homem na tecnologia, na indústria, nos meios de comunicação e até mesmo nos modos de pensar e agir. A educação do campo, modalidade educativa singular no contexto

nacional, precisa desenvolver uma educação voltada para as necessidades de suas populações, garantindo qualidade, tornando-se o centro aglutinador e divulgador da cultura da comunidade, incorporando-se às exigências de nosso espaço terrestre.

Ao iniciar a pesquisa sobre o programa Escola Ativa buscamos conhecer aspectos referentes às turmas existentes no *lócus* de pesquisa. Inicialmente, os três professores relataram trabalhar com classes multisseriadas, isto é, com alunos de duas ou mais séries³ distintas, nas quais, segundo eles, tornava-se difícil exercer um trabalho que favorecesse a aprendizagem de todos.

O documento que regulamenta e orienta aos educadores sobre o programa, ao abordar suas finalidades, destaca que o programa é destinado às escolas do campo que possuem turmas multisseriadas. Através dele, os docentes poderiam ter oportunidades melhores de atuar com as discrepâncias de tais classes (BRASIL, 2008 a, 2008b).

Pelo que se pode perceber, há divergências de opiniões entre o que os professores relatam com aquilo que é destacado como sendo uma das finalidades do programa: trabalhar com série multisseriadas. Para os docentes reunir alunos com diferentes idades e maturidade cognitiva limita em algumas ocasiões o planejamento da aula, a socialização dos conteúdos e o estudo do objeto de conhecimento. Esse pensamento dos professores nos remete ao que Piaget (1973) *apud* Sancristán e Gómez (2000) falam ao dizer que a educação, ao centrar-se na criança, deve adaptar-se ao atual estágio de seu desenvolvimento, não podendo trabalhar sem considerar sua maturidade física, cognitiva e intelectual.

Outro ponto elencado foi sobre a organização das turmas em grupos⁴ de estudos. Perguntamos aos educadores que contribuições eles veem no trabalho em grupo, se é possível trabalhar cotidianamente nesta perspectiva. Para todos os entrevistados, o trabalho coletivo é uma das melhores orientações que o programa trouxe, mas é importante segundo eles, haver harmonia e compatibilidade entre os alunos.

Os indivíduos participam criadoramente da cultura ao estabelecer uma relação viva e dialética com a mesma. Quando trabalham em grupo, organizam suas trocas e dão significados a suas experiências, assumindo progressivamente posturas críticas sobre o mundo que as rodeia (ALARCÃO, 2008 p. 63).

³ A palavra ano está substituída por série para se tornar mais compreensível ao leitor.

⁴ Uma das orientações dadas aos professores que trabalham com o Programa Escola Ativa é de organizar os alunos cotidianamente em grupos de estudos, pois desta forma haveria uma troca de saberes entre os alunos e assim, um maior rendimento na aprendizagem.

Ao aceitar essa premissa, é desejável crer que o trabalho em grupo fortalece os vínculos sociais dos discentes, favorecendo talvez a criação do “saber conviver com o outro”, saber este indispensável segundo Delors (2001) para os habitantes da sociedade atual.

A respeito dos conteúdos trabalhados com os alunos, indagamos aos professores como eles os selecionavam e que elementos levavam em consideração nessa escolha. Um dos três educadores informou-nos que receberam, por parte da coordenação do programa, que o critério de seleção deveria ser as necessidades das turmas, devendo ter cuidado para que esses conteúdos validassem aspectos da cultura local, trabalhando e enquadrando os conteúdos com a realidade e o contexto social dos alunos. Os outros dois docentes disseram que a seleção é feita com a ajuda da supervisora da escola, mas seguiam os parâmetros do programa.

Segundo Sancristán e Gómez (2000, p. 54):

A humanidade é o que é porque cria, assimila e reconstrói a cultura formatória por elementos materiais e simbólicos. Do mesmo modo, o desenvolvimento da criança se encontra inevitavelmente vinculado à sua incorporação mais ou menos criativa para a cultura de sua comunidade.

Nesta perspectiva, é prudente mencionar que a ação educativa ao procurar inserir no ambiente escolar os aspectos culturais dos alunos enriquece a aprendizagem, proporcionando uma maior aproximação/ maior articulação do conhecimento com elementos concretos do cotidiano.

Ao falar sobre o tema avaliação, sem exceção, os professores mencionaram que avaliam cotidianamente, fugindo da avaliação pontual, a qual se mostra muitas vezes injusta com os alunos ao “selecionar” os melhores e “rotular” de inábeis, incapazes, insuficientes os que não conseguem alcançar os parâmetros esperados/desejado. Como se todos os sujeitos se encontrassem da mesma forma com o conhecimento. Como se todos os sujeitos diferentes, com uma história singular de vida, pudessem construir as mesmas respostas aos questionamentos feitos. Como se esse conhecimento não fosse construído, desconstruído e reconstruído a partir da história de cada um.

Quando se pratica a avaliação na educação obrigatória com traços seletivos e hierarquizadores é uma prática antissocial, pois não se trata de escolher os melhores por suas conquistas, ou os aptos ou não, mas de proporcionar oportunidades para que todos adquiram a cultura clássica e cheguem ao final (SANCRISTÁN;GÓMEZ, 2000, p.325).

Ancorando-nos nas ideias dos autores, acreditamos que, enquanto educadores, não podemos continuar utilizando a avaliação como ferramenta para mostrar o fracasso ou as fragilidades do aluno, visto que essa postura se remete ao tradicionalismo. A avaliação, para Hoffmann (2003), deve ser um elemento que subsidie o professor na sua prática pedagógica, dando-lhe informações sobre a evolução dos educandos, para que, a partir delas, possa rever os caminhos que estão sendo trilhados.

Procuramos saber ainda a respeito de como acontece o planejamento⁵ e os encontros pedagógicos na instituição de trabalho. Os três professores informaram que ambos: o planejamentos e os encontros pedagógicos acontecem quinzenalmente, e neles além de cumprirem com os objetivos traçados, estudam casos e peculiaridades de sua prática e da sociedade, relacionando com fundamentos teóricos, ampliando as chances de compreenderem e encontrarem alternativas para os problemas presentes na sua *práxis* pedagógica.

Os docentes precisam desenvolver capacidades de aprendizagem da relação, da convivência, da cultura do contexto e da interação de cada pessoa com o resto do grupo, com seus semelhantes com a comunidade que envolve a educação (IMBERNÓN, 2010 p.19).

O educador deve na sua prática pedagógica tornar-se reflexivo diante dos fatos e dos acontecimentos. Não ser passivo diante do conhecimento, e sim interagir com o mesmo de forma autônoma, dinâmica, criativa e investigadora.

Por fim, solicitamos aos professores que destacassem dois pontos negativos e positivos no programa em discussão, elucidando nos pontos positivos suas contribuições à aprendizagem dos alunos e também a sua *práxis* educativa. As respostas dos educadores em alguns momentos foram convergentes, pois dois dos três docentes informaram, que dentre os pontos positivos poderiam destacar: a aproximação dos conteúdos teóricos ao contexto social e a proposta pedagógica de caráter interdisciplinar que o programa oferece com materiais e recursos didáticos: mapas ilustrativos, livros literários e científicos, globos terrestres, maquetes, ábacos, etc.

A educação, enquanto se propõe a formar o cidadão para viver uma vida em sentido mais pleno possível de modo que possa conhecer e transformar sua situação social e

⁵ Os planejamentos e encontros pedagógicos acontecem quinzenalmente por opção da própria instituição de ensino, não por exigência do programa Escola Ativa, contudo, o programa orienta que ao se realizar os encontros pedagógicos creditem momentos para trocar vivências da sala de aula, com o propósito de juntos, ampliarem seus horizontes sobre a profissão professor.

existencial marcada pela complexidade e globalidade, mostra a necessidade de adotar o fenômeno da interdisciplinaridade (FAZENDA, 2008, p.03).

Desenvolver uma educação que trilhe pelo caminho da interdisciplinaridade para Fazenda (2008) é proporcionar ao aluno construir um conhecimento aplicável ao contexto prático da vida, oferecendo subsídios para que o utilize como instrumento para ler o mundo, interpretá-lo e nele intervir com segurança e responsabilidade, despertando o gosto e o prazer pelo saber.

Para os docentes, os pontos mencionados anteriormente possibilitam-nos sair do tradicionalismo (que durante um longo período esteve arraigado nas práticas de muitos professores que lecionavam no campo), oferecendo agora uma maior conexão entre a realidade e o fazer educação, esta consciente e também vivencial.

Outro entrevistado acrescentou que o programa também favorece um maior contato entre os discentes, visto que eles atuam juntos nos grupos de estudos, criando relações de amizade e companheirismo.

No que concerne aos pontos negativos o que mais foi destacado, sendo citado pelos três professores, diz respeito à dificuldade de se atuar com turmas multisseriadas e alunos com idades irregulares. Um dos professores em seu discurso utilizou a seguinte expressão sobre o problema abordado: “Não adianta termos materiais diversos, encontros e mais encontros discutindo os problemas dos alunos, se nada é feito para mudar a realidade da sala.”.

Para esse educador, o programa tem muito a oferecer para a aprendizagem dos discentes, porém a estratégia das turmas multisseriadas minimizam algumas vezes as chances de sucesso, gerando assim desmotivação em ambos os sujeitos (alunos e professores) do processo educativo.

Pontuamos, entretanto, que o cenário apresentado pelos professores nos faz acreditar que o programa Escola Ativa, atualmente mencionado como uma esperança e oportunidade de efetivar uma melhor educação às populações do campo, contribui positivamente para a aprendizagem dos alunos e para a prática educativa dos docentes, procurando se desarraigar do ensino tradicional e enciclopédico para um ensino vivencial e dialógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo o ensino destinado às populações camponesas voltava-se a um fazer mecanicista e tradicional, o educador trabalhava a memorização dos longos e inúmeros saberes científicos, sem levar em consideração as especificidades dos povos, ou tão menos

sem creditar a cultura presente em cada comunidade (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

O programa Escola Ativa, focado no presente artigo, propõe-se a contribuir nas escolas das comunidades rurais para a implementação de uma educação voltada às especificidades dos povos do campo, buscando resgatar seus elementos sociais (BRASIL, 2008a, 2008b).

A realização desta pesquisa permitiu-nos constatar que o programa educativo Escola Ativa contribui para a aprendizagem dos alunos, pois, através do trabalho desenvolvido cotidianamente pelos professores na sala de aula, os alunos estão criando vínculos com o conhecimento e com sua cultura local. O conhecimento construído na escola lhes permite conhecer melhor sua cultura local. Da mesma forma que a sua cultura local vem sendo inserida no conhecimento produzido em sala de aula. Conhecimento e cultura local vivenciam uma fecundação recíproca de práticas e saberes que desperta no aluno o gosto de aprender a aprender.

O contato direto com o objeto de estudo na maioria das vezes aproxima o sujeito aprendiz a descobrir e dar sentido ao saber, produzido não por ele, mas por outro sujeito, redimensionando suas habilidades para um plano reflexivo e consciente do que se faz.

Em relação à prática educativa do educador, verificamos que para eles as orientações⁶ do programa sobre as formas de organizar os alunos, o trabalho com os conteúdos e o planejamento são de extrema relevância ao seu fazer docente. Por outro lado, não podemos ser “acríticos” ao programa em estudo, visto que ele também possui fragilidades e pontos a serem revistos, tais como: salas multisseriadas e alunos na mesma turma com idades irregulares.

Este trabalho, a partir do diálogo com os autores do estudo bibliográfico e do estudo empírico, nos fez e nos faz acreditar que a educação destinada aos povos camponeses precisa continuar trilhando cada vez mais pelo caminho da emancipação de seus sujeitos. Porém para a materialização do que destacamos, é fundamental haver um engajamento de todos que fazem a comunidade escolar. Somente dessa forma, os atores do processo ensino-aprendizagem: os professores e os alunos conseguirão se emancipar enquanto sujeitos, tornando-se autores e protagonistas da própria história no cenário em que sempre atuaram: o campo.

⁶ As orientações a que nos referimos são as de organizar as turmas em grupos de estudos; o trabalho constante com materiais concretos e os estudos dos conteúdos relacionando-os com o âmbito social.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 6 edição. São Paulo: Cortez, 2008.
- ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M.C. (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Programa Escola Ativa: aspectos legais**. Brasília: Ministério da Educação, 2008 a.
- BRASIL. **Programa Escola Ativa: orientações pedagógicas para formação de educadoras e educadores**. Brasília: Ministério da Educação, 2008 b.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6 edição. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.
- FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 20 edição. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8 edição. São Paulo, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor? Adeus professora? Novas exigências educacionais e Formação Docente**. 10 edição. São Paulo, Cortez, 2007.
- LÜCK, Heloísa. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. Ed. 7 Petrópolis, RJ, Vozes, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 7 edição. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SANCRISTAN, J. Gimeno; GOMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4 edição. Porto Alegre: Artmed, 1998.